



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB**  
**PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

**TAMNA DO NASCIMENTO BATISTA**

**INTERFACES ENTRE GÊNERO E PSICANÁLISE:**  
**MASCULINIDADES, SOFRIMENTO PSÍQUICO E VIOLÊNCIA**

**Brasília**  
**2022**



**TAMNA DO NASCIMENTO BATISTA**

**INTERFACES ENTRE GÊNERO E PSICANÁLISE:  
MASCULINIDADES, SOFRIMENTO PSÍQUICO E VIOLÊNCIA**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa.

Orientação: Prof<sup>a</sup> Ma. Lívia Campos e Silva

**Brasília  
2022**

## AGRADECIMENTOS

A minha mãe e ao meu irmão, que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho. Obrigada por estarem sempre ao meu lado e aguentarem minhas crises de estresse.

Ao meu namorado, que em momento algum me negou apoio, carinho e incentivo. Obrigada por aguentar minhas crises de ansiedade, escutar meus desabaços e não me deixar desistir.

A professora Lívia Campos, por ter sido minha orientadora e ter desempenhado tal função com dedicação e amizade. Obrigada pela paciência ao longo de todo esse processo, pelos ensinamentos e principalmente por ser inspiração de pessoa e profissional.

As minhas amigas, que sempre estiveram do meu lado, me apoiando em todos os meus sonhos e acreditando em mim, quando às vezes nem eu me sentia capaz. Em especial, a Ana Bia que viveu comigo o período da pesquisa, obrigada pelos momentos de desabaços com crises de ansiedade, choros, angústias, superações e alegrias.

Ao professor Juliano Lagoas, por ter me orientado na primeira versão do projeto que impulsionou esta pesquisa.

Ao professor Lucas Amaral, por ter sido inspiração e exemplo para um olhar mais sensível no que se diz respeito às masculinidades.

A todos que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado.

E a instituição de ensino CEUB, pelo incentivo de desenvolvimento de pesquisas por meio do Programa de Iniciação Científica e pelo enriquecimento no meu processo de formação profissional.

*Refletir sobre o homem e a masculinidade, pondo em xeque os pressupostos que esses significantes carregam, é como tirar a tachinha do mapa que nos servia de baliza. Ao desestabilizar referência tão central para a cultura ocidental, sentimos a vertigem, e a angústia decorrente, pelo questionamento do que parecia garantido. Mas essa é a condição para desnaturalizar violências históricas e relações de opressão que encontram no gênero, na raça e na condição social justificativas para se eternizarem. (Vera Iaconelli)*

## RESUMO

Os homens são, além de principais agentes, os principais alvos dos atos violentos cometidos por outros homens e como alvo também se inclui a violência contra a mulher, o que se confirma com os índices elevados de violência tanto contra a mulher quanto entre os homens. O impacto perturbador dos altos índices existentes ressalta, então, a necessidade urgente de direcionar um olhar mais acurado aos processos de adesão dos homens a certos padrões hegemônicos de masculinidade, de modo a examinar as dinâmicas que estão em jogo na produção de comportamentos e discursos violentos. Desse modo, o objetivo desta pesquisa é investigar o lugar que a violência possui na constituição das masculinidades no contexto dos processos de subjetivação dos homens. Trata-se de examinar os fatores que estão em jogo nos comportamentos e discursos agressivos que os homens direcionam às mulheres, e também a outros homens, a fim de compreender as possíveis relações do fenômeno da violência com os processos de transformação sócio-histórico-cultural das masculinidades, bem como com as dinâmicas subjetivas de internalização de ideais normativos relacionados ao masculino e com os modos de sofrimento psíquico que advém como efeito desse processo. Para tal, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cinco homens cisgêneros e heterossexuais, entre 18 e 60 anos de diferentes classes sociais e analisadas a partir da metodologia da Análise do Discurso em articulação com a psicanálise. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas a fim de facilitar o processo de análise. Portanto, as análises foram planejadas por meio de dois eixos: “a naturalização da violência” e “A ausência de lugar diante das crises contemporâneas das masculinidades”. Em relação ao primeiro eixo, foi possível verificar que a violência é uma manifestação das relações de poder entre homens e referente às mulheres, além de uma permissibilidade em utilizá-la para expressar os sentimentos, especialmente a raiva, em diversos contextos baseado nas exigências advindas de uma masculinidade hegemônica e uma tentativa de resgate identitário frente a feridas narcísicas. Já em relação ao segundo eixo, analisa-se as crises das masculinidades diante a desconstrução do masculino, gerando sofrimento diante uma identificação de culpabilização com o masculino, sendo essa culpa alimentada pela própria neurose do indivíduo que o conduz para um não lugar que o silencia e o deixa acuado. Por fim, a pesquisa foi muito enriquecedora e possibilitou o vislumbre de novas possibilidades de estudos.

**Palavras-chave:** masculinidades; psicanálise; violência; sofrimento psíquico.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
1.1 OBJETIVOS	9
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>10</b>
2.1 A VIOLÊNCIA SEGUNDO A PSICANÁLISE	10
2.2 CRISE DA MASCULINIDADE NA CONTEMPORANEIDADE	11
<b>3 MÉTODO</b>	<b>15</b>
3.1 PARTICIPANTES	16
3.2 INSTRUMENTOS E MATERIAIS	16
3.3 PROCEDIMENTOS DE CONSTRUÇÃO DO MATERIAL	17
3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DO MATERIAL	18
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES</b>	<b>18</b>
4.1 A NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA: “É UMA VONTADE INSTINTIVA, ASSIM, EU ACREDITO QUE SEJA NESSE MÉTODO DE VOCÊ QUERER BATER EM OUTRO HOMEM”.	18
4.2 A AUSÊNCIA DE LUGAR DIANTE DAS CRISES CONTEMPORÂNEAS DAS MASCULINIDADES	24
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>34</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>36</b>
APÊNDICE A - Entrevista semi-estruturada	36
APÊNDICE B - Arte usada na divulgação da pesquisa	37
<b>ANEXOS</b>	<b>38</b>
ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	38

## 1 INTRODUÇÃO

Pensar em contemporaneidade, também é pensar em diversos movimentos sociais que visam tanto a preservação, quanto a transformação de alguma ordem estabelecida no âmbito social. Nesse contexto, é interessante destacar o feminismo, o qual tem pretensão em defrontar o modelo social que baseia-se no patriarcado e a violência contra as mulheres. Ademais, esse movimento foi e ainda é responsável por diversas conquistas de espaços e direitos para as mulheres, além de ter gerado inúmeras reflexões sobre o papel do homem na sociedade, ou seja, sobre a masculinidade hegemônica, que também é chamada de masculinidade tóxica.

A esse respeito, tem-se que tais reflexões e novas exigências advindas das mulheres trouxeram para o âmbito social novas perspectivas de masculinidades, assim como um questionamento da agressividade que, muitas vezes, está naturalizada na experiência do homem, a qual se manifesta entre os próprios homens e também direcionada às mulheres. No que diz respeito a índices de violências contra mulher no Brasil, de acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022), os dados preliminares do ano de 2021 apontam que no que se refere a violência letal houve uma queda de 2,4% no número de vítimas e no que se refere a violência sexual (estupro e estupro de vulnerável) houve um aumento de 3,7% no número de vítimas sendo essas taxas comparadas ao ano de 2020.

Ademais, dentro dos inúmeros tipos de violência, cabe-se acentuar a violência doméstica e familiar contra mulher, a qual, segundo o art. 5º da Lei Maria da Penha, determina-se por “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” (Instituto Maria da Penha, s.d.). Os índices, segundo Cerqueira, Moura e Pasinato (2019), revelam, de forma contumaz, como as mulheres são os principais alvos, uma vez que sofrem este tipo de agressão três vezes mais do que os homens. Em termos mais detalhados, 43,1% dos casos ocorrem onde a mulher reside e 36,7% em locais públicos. Além disso, no que tange à relação da vítima com o agressor, 32,2% das agressões são cometidas por pessoas conhecidas, 29,1% por pessoas desconhecidas e 25,9% pelo companheiro ou ex-companheiro.

É importante direcionar um olhar para esses dados desde um lugar que atribui não só as mulheres a necessidade de combater esse “alvo” de violência que possuem e os ciclos que

vivenciam nos âmbitos de seus relacionamentos, mas também aos homens a responsabilidade de participar de discussões e de se engajar em práticas que visem à transformação desses padrões destrutivos e adoecedores. Além disso, se levarmos em conta a violência de um ponto de vista mais amplo, como aponta Muszkat (2006), os homens são, além de principais agentes, os principais alvos dos atos violentos cometidos por outros homens. Tal informação se confirma por meio dos dados apontarem que 91,3% são vítimas do sexo masculino no que diz respeito ao perfil da vítima de mortes violentas intencionais, de acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2021).

O impacto perturbador desses dados ressalta a necessidade urgente de encarar de forma mais acurada os processos de adesão dos homens a certos padrões hegemônicos de masculinidade, de modo a examinar as dinâmicas que estão em jogo na produção de comportamentos e discursos violentos.

Diante disso, torna-se crucial observar os significados atribuídos à sexualidade masculina ao longo da história. Evidencia-se, inicialmente, a virilidade, advinda da tradição francesa, que refere-se a comportamentos que remetem à bravura, controle das emoções e ações heróicas, o que, o termo por si só, não define a masculinidade. Ademais, o modelo viril teve seu auge no século XIX, todavia entrou em crise no século XX. Justamente, quando ocorre esse declínio, o termo masculinidade ganha força, porém, a sua construção histórica está ligada a estudos anglo-saxão e no âmbito político à história das mulheres e ao movimento do feminismo, o que possibilita, inclusive, considerar a masculinidade como uma faceta do movimento (Ambra, 2021).

À vista disso, é de grande atenção lembrar da sexualidade antes desses termos surgirem. Como mostra Foucault (2021), a sexualidade dos homens na Grécia Antiga era experienciada, também, por práticas homoeróticas, entretanto não há possibilidade de relacionar tais práticas ao termo e definição de homossexual contemporânea, sendo assim eram demonstrações de naturezas motivadas por pulsões. Nesse contexto, de acordo com Lagoas (2013), a definição de imoralidade referente aos prazeres sexuais era a ocorrência do exagero, do excesso, ou seja, havia uma moral, porém, a moral vigente não se caracterizava como a moral cristã.

O conceito de moral grega é alterado com a ascensão do cristianismo, o qual enxerga a sexualidade como uma prática a ser tolerada apenas para fins reprodutivos, visando a perpetuação da espécie humana. Juntamente com essa nova visão, surge uma excessiva



repressão referente aos prazeres sexuais por meio de uma vinculação íntima entre sexualidade e pecado, tal como encontramos nas noções de adultério e sexo fora do casamento (Busin, 2011). Ademais, o cristianismo se refere ao homem como um ser superior em relação à mulher, a qual tem como função fundamental e exclusiva a procriação (Gastaldi & Silva, 2018).

Em contrapartida à visão cristã, na sociedade contemporânea há uma gradual aceitação de modos não patriarcais de masculinidade, nos quais o homem pode se permitir admitir fraquezas e não se sentir na obrigação de ocupar o posto de chefe e provedor da família. Entretanto, essa nova forma de vivenciar a masculinidade ainda não é vista como uma possibilidade por todos os homens, o que produz um processo de crise nas dinâmicas de constituição do ser homem (Da Silva, 2006). Essa crise exige a reinvenção de comportamentos, a construção de novas formas de se colocar no mundo e um manejo menos adoecedor da angústia.

Isto posto, manifesta-se questões no sentido de compreender o impacto da (des)construção das masculinidades na agressividade que os homens direcionam às mulheres, assim como, compreender os processos subjetivos dos homens e suas modalidades de sofrimentos sendo afetados pela manutenção e questionamento de padrões dominantes do masculino, e vislumbrar experiências que se mostram tão ameaçadoras para os homens a ponto de fazê-los recorrer à violência.

## **1.1 OBJETIVOS**

Desse modo, o objetivo geral desta pesquisa foi investigar o lugar que a violência possui na constituição das masculinidades no contexto dos processos de subjetivação dos homens. Trata-se de examinar os fatores que estão em jogo nos comportamentos e discursos agressivos que os homens direcionam às mulheres, e também a outros homens, a fim de compreender as possíveis relações do fenômeno da violência com os processos de transformação sócio-histórico-cultural das masculinidades, bem como com as dinâmicas subjetivas de internalização de ideais normativos relacionados ao masculino e com os modos de sofrimento psíquico que advém como efeito desse processo.

Para tanto, elencou-se os seguintes objetivos específicos: (i) analisar os impactos da construção e desconstrução dos ideais hegemônicos da masculinidade nos processos psíquicos dos homens no que tange a relação deles com sua identidade de gênero e suas

dinâmicas de identificação; (ii) investigar os motivos que levam os homens a expressarem sua agressividade ao outro, em especial ao feminino, e qual é a relação desses comportamentos agressivos com os modos de sofrimento psíquico por eles vivenciados; (iii) discutir como a psicanálise, a partir da hipótese do inconsciente, pode contribuir para examinar as dinâmicas de destituição narcísica e de desposseção identitária que estão em jogo na relação que os homens estabelecem com seus ideais de masculinidade e como essas dinâmicas se relacionam com o aparecimento da agressividade.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A fim de esclarecer tudo que este trabalho pretende relacionar, torna-se necessário compreender melhor alguns conceitos, os quais serão apresentados em dois eixos temáticos, a saber: (i) A violência segundo a psicanálise; e (ii) Crise da masculinidade na contemporaneidade.

### **2.1 A VIOLÊNCIA SEGUNDO A PSICANÁLISE**

A fim de compreender a violência do ponto de vista psicanalítico, iniciaremos com algumas ideias propostas por Freud (1915) no artigo “Considerações atuais sobre a guerra e a morte”, no qual há uma reflexão sobre a violência a partir da ideia de que mesmo o indivíduo mais cortês, capaz de manifestar os comportamentos mais exemplares possíveis, possui em si acepções e impulsos primitivos e egoístas que o conduzem a viver situações de retrocesso tanto moral tanto ético.

Freud (1915) decide se aprofundar mais na violência a partir de uma reflexão sobre os comportamentos agressivos presentes na humanidade. Em razão disso, ele recorre a uma análise das sociedades primitivas, uma vez que estas são livres de regras relacionadas à morte, as quais são impostas no contexto da civilização. Nestas, havia homens que exaltavam o desejo de aniquilar aqueles que eram considerados seus inimigos. Em contrapartida, esse comportamento cessava no momento em que o indivíduo perdia alguém muito querido, visto que a perda gerava uma ambivalência de afetos ao fazer surgir a culpa. Tal ambivalência faz com que surja uma determinação ética nesse contexto.

Na obra “O mal-estar na civilização”, Freud (2011) discorre que o grande obstáculo à civilização está abrigado dentro dela, ou seja, há uma predisposição para a agressão como

algo que é ineliminável da natureza do ser humano, visto que esse comportamento está presente desde o período das sociedades primitivas. Isso significa que não há possibilidade de desenraizar tal maldade, a qual constitui o indivíduo. Além do mais, a violência, nos dias de hoje, tornou-se uma espécie de sintoma de um mal-estar humano, assumindo proporções extremas a ponto de invadir em totalidade o campo da vivência social.

Feita essa breve introdução ao tema da violência em geral, tem-se a necessidade agora de, partindo da psicanálise, entender um pouco a violência doméstica. Sendo assim, segundo Lamanno- Adamo (1999), a violência doméstica vai além de uma dinâmica compulsiva de privação e traumas, se referindo também à ausência de vivências emocionais favoráveis a significações e que se tornem representações simbólicas. Em outros termos, essa violência se relaciona com uma acentuada inabilidade dos indivíduos de experienciar suas próprias emoções.

Afinal, o ato de violência é um trauma externo que, segundo Freud (1920), vai promover uma grande desordem na gerência da energia do organismo e ativar os meios de defesa, inibindo o princípio do prazer. Assim, o aparelho psíquico será inundado por diversos estímulos, sendo assim com a presença do desprazer específico da dor a qual não haverá possibilidade de ser simbolizada psiquicamente resultará em inúmeras implicações no processo de subjetivação por consequência de uma redução do funcionamento do aparelho psíquico devido a uma exigência de grande investimento de energia.

## **2.2 CRISE DA MASCULINIDADE NA CONTEMPORANEIDADE**

Tendo em vista o que foi exposto até aqui, faz-se importante direcionar um olhar mais acurado para as masculinidades, pois analisar as situações de violência, sobretudo de violência doméstica, apenas pelo ponto de vista das mulheres que sofrem agressão não é uma estratégia suficiente para abarcar o fenômeno em sua complexidade. Ainda que o machismo e as masculinidades tóxicas sejam questões debatidas atualmente nos espaços públicos e virtuais, vale a pena insistir no exame dessa articulação com a esfera da agressividade, uma vez que o número de crimes resultantes de comportamentos violentos por parte dos homens está cada vez maior (De Paula & Da Rocha, 2019).

Tal fato se confirma nos números mostrados pela Organização das Nações Unidas (ONU), os quais indicam que, no ano de 2017, 87 mil mulheres morreram em crimes classificados como feminicídio, sendo que 58% dos assassinatos foram cometidos por

cônjuges, ex-maridos ou familiares (Radio Globo, 2018). Em contrapartida, tem-se que a taxa de violência, mostrada pelo mapa da violência no ano de 2016, segundo Waiselfesz (2016), foi de 94,4% de homicídios envolvendo armas de fogo no Brasil, ocupando os homens o lugar principal de atores e vítimas dessa violência. A partir disso, é altamente notório que a forma como os homens vivenciam sua masculinidade na atualidade os coloca como perpetuadores da violência, mas também como alvo dela, o que nos faz pensar em como essa aderência ao patriarcado impede os homens de terem uma relação mais saudável com sua subjetividade, que inclua, por exemplo, o reconhecimento e elaboração de vulnerabilidades e fragilidades (De Paula & Da Rocha, 2019).

Para compreender a relação que os homens estabelecem com seus ideais de masculinidade, faz-se interessante trazer para a discussão o conceito freudiano de narcisismo, que foi proposto para nomear a ação de um sujeito ao portar-se em relação ao seu próprio corpo de maneira semelhante à forma com a qual trata o corpo de um objeto sexual (Freud, 2010). O narcisismo é compreendido como uma etapa do desenvolvimento psicosexual, situada entre o autoerotismo e a escolha objetal, em que a criança conquista a experiência de unidade do Eu. Nesse sentido, para que a criança consiga chegar a investir seus interesses em objetos externos ela precisa, antes, fazer a travessia do estágio auto-erótico em direção a um desenvolvimento narcísico, isto é, através de uma ação psíquica, passar do momento em que seu corpo é vivido de forma esfacelada e interpelado por pulsões parciais para uma experiência de consistência e unidade corporal.

Isso posto, tem-se, então, que a constituição do Eu começa com o direcionamento da libido para si mesmo e, ao longo do processo, passa a ser direcionada para o outro - os pais, a cultura e os ideais. Sendo assim, o narcisismo faz parte da formação identitária do sujeito, a qual possui diversas fontes de influência (Freud, 2010). Considerando a centralidade desse conceito para pensar a constituição da auto-imagem, em meio à vinculação entre subjetividade e alteridade, e tendo em vista a dificuldade de certos homens de vivenciarem déficits narcísicos em relação aos seus ideais de masculinidade, nos questionamos se a violência em geral, e a violência ao feminino em particular, não apontaria, no fundo, para uma estratégia de resgate identitário das insígnias da masculinidade por parte dos homens que a cometem frente o reconhecimento de uma ferida narcísica.

Dito isso, considerando a construção dos ideais relativos à masculinidade hegemônica, nota-se que a identidade masculina tem sua definição pautada em uma

negação da feminilidade - seja exercida pelas mulheres, seja por outros homens que desviam dos padrões dominantes.

Inclusive, pode-se dizer que esse padrão definidor do que é o homem existe há anos, visto que, no século XIX, o homem era definido por sua virilidade, termo advindo da tradição francesa, que se refere a comportamentos de bravura, controle das emoções e ações heróicas. O termo virilidade por si só não define a masculinidade e, no século seguinte ao seu auge, entra em crise, o que faz com que justamente no século XX o termo masculinidade ganhe força (Ambra, 2021).

Contudo, o termo virilidade passou a ser uma das características que definem a masculinidade. Assim como a força física, a racionalidade, o espírito de liderança, a coragem, a dominação, o controle emocional e a competitividade. É a partir da articulação entre esses predicados que toma forma o conceito de masculinidade hegemônica, definida por Robert Connel como uma “configuração de gênero que incorpora a resposta atual aceita para o problema da legitimidade do patriarcado, garantindo a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres.” (Da Silva, 2006).

Assim, a fim de manter o propósito da hegemonia, existe, também, uma necessidade de depreciar outras virilidades, ou seja, além da construção da masculinidade em cima de uma relação de poder sobre as mulheres, há uma relação de poder entre os homens. Em suma, a masculinidade hegemônica é utilizada como um padrão para fins comparativos, entretanto não são todos os homens que possuem acesso a ela (Zanello, 2018).

Em outros termos, a masculinidade heterossexual é edificada em cima de ideais homofóbicos, sexistas, da insensibilidade em relação à diversidade dos corpos e dos afetos, em mentiras contadas pelos próprios homens e no silêncio que serve para protegê-los das violências executadas. Além disso, existe ainda uma hierarquia mediante as diversas masculinidades existentes em que, normalmente, cada tipo de masculinidade é fortalecida pela formação de grupos que possuem ideias semelhantes, por exemplo, um homem que é contra a homofobia normalmente se apoia em homens que também são contra (Zanello, 2018).

Outrossim, ao analisarmos a sociedade contemporânea e o crescimento do movimento feminista, notamos como é um estímulo para que os homens se mobilizem na luta contra o patriarcado, servindo como combustível para que eles façam reflexões que perpassam os assuntos que o movimento levanta (De Paula & Da Rocha, 2019). Sendo assim,

compreende-se que o movimento feminista favoreceu diversas modificações em relação à concepção de masculinidade hegemônica, propondo, em seu lugar, uma reflexão sobre as masculinidades, no plural, e provocando a sociedade e os homens a reconhecer práticas que antes não eram aceitas por remeterem a comportamentos afeminados. É nessa esteira que surgem também novas exigências como, por exemplo, cuidados com a aparência, preocupações com a satisfação sexual e afetiva nos relacionamentos e uma paternidade mais participativa (Da Silva, 2006).

Portanto, ter noção da masculinidade hegemônica e dessas exigências é essencial para compreender essa crise da masculinidade. Entretanto, vale ressaltar que, mesmo afirmando que a sociedade já aceita muitos comportamentos que se destoam do padrão masculino dominante, não significa que os antigos atos foram aniquilados, sobretudo levando-se em conta os altos índices da violência contra a mulher, especialmente aquela exercida por seus cônjuges, além das taxas de feminicídios. Em razão disso, como aponta Dos Santos (2010), ainda há homens que perpetuam sintomas de uma masculinidade tóxica e não dão espaço para novas concepções a respeito do ser homem. Ademais, torna-se notório o apego a uma identidade consolidada e o sentimento de ameaça por não aceitarem a perda de domínio e de espaço público para as mulheres. A isso se acrescenta o fato de terem sido ensinados desde a fase infantil a resolver conflitos utilizando a violência, que, na vida adulta, é direcionada também às mulheres.

Por fim, segundo Muszkat (2006), existe uma correlação entre desamparo e agressividade/violência, visto que a violência seria resultado da vivência do desamparo. Além disso, tanto o desamparo quanto a agressividade são inerentes à natureza humana. Portanto, além da maioria dos homens ser ensinada a ter comportamentos agressivos para resolver conflitos desde a infância, esses comportamentos estão enraizados no ser humano. Sendo assim, é possível pensar que a crise da masculinidade está gerando sentimentos de desamparo e de ameaça narcísica que implicam em atos violentos por parte de alguns homens. O que nos conduz a reflexão de que o questionamento dos ideais normativos da masculinidade hegemônica funciona como um instigador de processos de reformulação e intimidação identitária revelando uma situação de desamparo que, em muitos casos, culmina em atos destrutivos em direção ao outro e ao feminino.

### 3 MÉTODO

A presente pesquisa, de natureza qualitativa e exploratória, foi realizada com base nos princípios metodológicos da Análise do Discurso, em articulação com as contribuições teórico-metodológicas da psicanálise. A pesquisa de natureza exploratória teve como objetivo promover uma familiarização com questões veladas, as quais pretendia-se dar maior visibilidade ou até mesmo criar hipóteses. Ademais, possui um delineamento flexível por se interessar em ponderar diversos aspectos que têm relação direta ou indireta com o fenômeno que pretendia estudar. Logo, é uma pesquisa que torna possível diferentes maneiras de coletar os dados, entretanto, em sua maioria, abarca o levantamento bibliográfico ou de estudo de caso (Gil, 2017).

Inicialmente, no que se refere ao método de Análise do Discurso, em sua vertente francesa representada por Michel Pêcheux, tem-se que ao refletir etimologicamente sobre a palavra discurso torna-se notável que ela traz a ideia de percurso. Posto isso, a Análise do Discurso não se remete, então, à gramática, mas, sim, à compreensão da língua em sua dimensão semântica (Orlandi, 2005). Tendo em vista a ideia de movimento que este método traz, tem-se que a metodologia engloba um trabalho social e simbólico, ou seja, a língua é vista como parte constituinte do homem e de sua história, podendo, assim, fornecer conhecimentos a respeito das especificidades simbólicas da condição humana, dado suas habilidades de significar e significar-se.

Conseqüentemente, tal ideia apresentada encaminha a compreensão da importância da linguagem para esse método, a qual faz a mediação fundamental entre o indivíduo e a realidade social e natural. Entretanto, mesmo tendo em mente a linguagem como fundamental, vale destacar que não se deve resumir a subjetividade a ela. Afinal, a língua serve de guia para a subjetividade, mas também compreende a história do sujeito (Orlandi, 2005).

Outrossim, tem-se ainda que o discurso não está só na língua, mas também encontra-se na sustentação de diversos textos, os quais rodeiam os vários meios de uma sociedade. Sendo assim, o método em questão possibilita uma análise externa, a qual é uma forma de compreender o por quê alguém fala o que fala, e uma análise interna, a qual possibilita ter acesso ao que a pessoa fala e a forma com que ela fala. Portanto, é notório

que analisar o discurso significa compreender a relação dele com o contexto que o gerou (Gregolin, 1995).

No que se diz respeito à ideologia, tem-se que esta é definida por um conjunto de concepções dominantes de uma classe específica incorporada à sociedade. Isto posto, é importante destacar que o fato de existirem diversas classes gera a consequência da presença incessante de conflitos ideológicos na estrutura social. Entretanto, a ideologia, a partir do momento que se torna o modo como determinada classe vê o mundo, passa a ser a forma com que ela representa a ordem social (Gregolin, 1995).

Por fim, é preciso explicar as características da pesquisa psicanalítica. Tal pesquisa destaca-se pelo fato da não necessidade de incorporar em seus objetivos a inferência generalizadora, e os procedimentos de análise dos resultados obtidos não visam o signo, mas, sim, o significante. Além disso, os dispositivos metodológicos são baseados em duas noções pertencentes à pesquisa psicanalítica: o solipsismo e a alteridade (Iribarry, 2003).

Outro destaque nesse tipo de pesquisa é dado ao lugar do sujeito. Afinal, o sujeito torna-se uma categoria importante na psicanálise após as contribuições de Lacan, que irá compreendê-lo a partir da ideia de descentramento, de modo a ressaltar seu atravessamento pelo inconsciente, definindo-o como o efeito de um encadeamento entre significantes (Ferreira, 2005).

### **3.1 PARTICIPANTES**

Participaram desta pesquisa cinco homens cisgêneros e heterossexuais, entre 18 e 60 anos, de diferentes classes sociais.

### **3.2 INSTRUMENTOS E MATERIAIS**

Para atender os objetivos da presente pesquisa, foram realizadas entrevistas qualitativas semiestruturadas com sujeitos que se auto reconhecem como homens. Os materiais utilizados foram: 5 Termos de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Anexo A) via Google Forms; um roteiro de entrevista semiestruturada com um conjunto de perguntas a serem respondidas pelos participantes, que foi realizado pela plataforma do Google Meet (Apêndice A) e um gravador de voz.



Como aponta Gaskell (2002), a entrevista qualitativa fornece informações básicas, as quais são necessárias para desenvolver e compreender a relação do sujeito com seu contexto. Portanto, a finalidade é um entendimento esmiuçado das atitudes, motivações, crenças e valores, referentes aos comportamentos dos indivíduos em circunstâncias sociais específicas. Em concordância a isso, Minayo (2013) afirmam que a entrevista é “ uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador”, a qual possui coleta de dados tanto de acesso primário - por outros meios-, quanto de acesso secundário- por meio de reflexões produzidas no diálogo- de um tema científico específico de forma organizada.

Minayo (2013) também apresenta as cinco classificações que a entrevista possui. A entrevista semiestruturada, a qual é pertinente neste projeto, é uma entrevista composta por perguntas abertas e fechadas, ou seja, a pessoa entrevistada pode desenvolver sua resposta sobre o tema em evidência sem limitar-se a pergunta realizada. Por fim, é interessante destacar que a entrevista, independente da sua classificação, é a técnica mais utilizada no desenvolvimento de trabalhos de campo.

### **3.3 PROCEDIMENTOS DE CONSTRUÇÃO DO MATERIAL**

Inicialmente, a pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética do UniCEUB. Após aprovação, foi realizado o recrutamento dos participantes através da divulgação da pesquisa nas redes sociais e em grupos de WhatsApp (Apêndice B). O intuito foi alcançar cinco participantes que se auto determinam como homens. Após aceitarem participar da pesquisa, a pesquisadora entrou em contato com cada participante pelo contato do número de telefone solicitado por meio da divulgação a fim de combinar o dia para realizar a entrevista. No dia combinado, foi solicitado que o participante acessasse um link do Google Forms e assinale a alternativa que afirma sua concordância com os termos apresentados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Em seguida, a entrevista foi iniciada, sendo composta por 13 (treze) perguntas, sendo 4 (três) delas relativas a informações sociodemográficas, como: idade, nível de escolaridade e renda mensal; e as demais questões abertas com perguntas relacionadas às seguintes temáticas: masculinidades/significados do ser homem; violência; e sofrimento psíquico. Por fim, as entrevistas foram gravadas com intuito de transcrever as respostas, a fim de realizar a análise posteriormente a partir dos procedimentos da Análise do Discurso.

### **3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DO MATERIAL**

Para a análise do material coletados no questionário foram utilizados os seguintes procedimentos: (i) identificar as posições subjetivas dos participantes no discurso, de modo a compreender o significado que eles atribuem à experiência de ser homem e quais os modos de sofrimentos psíquicos, dentro da realidade vivenciada por eles, que podem ser extraídos a partir do que escreverem em suas respostas; (ii) localizar as repetições, paráfrases, metáforas e metonímias a fim de averiguar intensidade e frequência das temáticas mais recorrentes, além de perceber as informações dadas de forma indireta e principalmente as informações expressas de forma figurada que atribui revestimentos sensório aos temas; (iii) evidenciar os mecanismos ideológicos e culturais presentes nos discursos, tendo a consciência que os valores ideológicos e culturais estão enraizados na identidade dos participantes e das pesquisadoras, além de serem transpassados pela concepção do lugar social; (iv) levantar hipóteses sobre os não-ditos presentes nas respostas dos participantes, ressaltando a necessidade de entendimento básico dos temas envolvidos na pesquisa para uma clara compreensão e inferência coerente dos subentendidos que podem estar presente em seus relatos; (v) analisar as cadeias associativas em torno das quais se estruturam as respostas dos participantes, visto que há conexões que serão feitas pelos próprios participantes e outras pelas pesquisadoras que vão ler as respostas.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Nesta seção serão apresentados e discutidos os resultados obtidos nesta pesquisa, que, para fins didáticos, foram divididos em dois eixos simbólicos. O eixo “a naturalização da violência” e o eixo “A ausência de lugar diante das crises contemporâneas das masculinidades”.

### **4.1 A NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA: “É UMA VONTADE INSTINTIVA, ASSIM, EU ACREDITO QUE SEJA NESSE MÉTODO DE VOCÊ QUERER BATER EM OUTRO HOMEM”.**

A violência é algo presente no comportamento humano desde as sociedades primitivas. Essa ideia é reforçada por Freud (2011), como citado anteriormente, segundo o qual a agressividade está enraizada no indivíduo, o constitui. Então, a fim de se estabelecer

limites para uma convivência na sociedade, nota-se o mal-estar que a cultura gera na humanidade devido a uma discordância no que se refere às exigências da civilização e das resultantes da pulsão. Em outros termos, é como se o indivíduo sacrificasse sua essência e isso gera consequências como: diminuição da agressividade e da vida sexual.

Entretanto, questiona-se o limite desse sacrifício. Afinal, Freud (2011) também traz que há sofrimentos próprios da essência humana e independentemente de quais forem, terão origem das mesmas fontes: corpo (necessidades inerentes), relacionamentos (choque de interesse entre semelhantes) e o mundo externo (confronto com as regras e medo do julgamento). Portanto, o sacrifício da essência e as dores resultantes dele podem emergir e romper os limites a fim de obter prazer/felicidade e visto a busca incessante do ser humano por controle/domínio a agressividade pode vir a tona, o que pontua-se que a violência passa a se tornar um sintoma do mal-estar humano e que vai alcançar proporções grandiosas a ponto de penetrar o convívio social.

À vista disso, torna-se possível, então, afirmar que a violência é algo natural do ser humano, porém, destaca-se que não há ligação com o gênero mesmo que a construção da humanidade com uma cultura patriarcal contribui para uma associação da violência ser algo instintivo do gênero masculino e por isso há uma naturalização da violência no que tange aos comportamentos masculinos, como se fosse um instinto. Pode-se pensar que devido as grandes conquistas do movimento feminista, já não se vislumbria essa ligação biológica da violência ao homem, entretanto, Bola (2020) reforça que ainda existe uma considerável regularidade da violência masculina ser descrita como uma natureza do homem, além de um discurso recorrente relacionado a testosterona e a biologia, o que acaba então descartando um fator essencial que é a socialização e debates mais profundos sobre a violência masculina.

Inclusive, evidencia-se uma fala que sustenta esse discurso da natureza da violência masculina: “é uma vontade instintiva, assim, eu acredito que seja nesse método de você querer bater em outro homem, isso é meio que instintivo (Tony).” Aliás, outra fala pertinente que apareceu nas entrevistas realizadas foi:

eu não tenho instinto meio que protetor da forma que o homem deveria ser biologicamente, né. Eu ainda tento buscar esse lado, tipo de quando eu precisar proteger alguém, eu ter os recursos necessários para conseguir isso, entendeu?

Sendo que eu entrei até em defesa pessoal, penso em fazer outras coisas, mas não como forma de agir nisso como violência, mas como forma de proteger aquilo que eu tenho como precioso (Tony).

Observa-se, então, que nesta fala o termo utilizado foi proteção que tem como ideia ser o mais forte, visto que um dos meios para desenvolver recursos, que ele relata, é a luta de defesa pessoal, e, ainda que ele explicita que não quer agir com violência, faz com que se perceba uma dualidade: ele não quer ser visto como uma pessoa violenta, mas ao mesmo tempo atrela uma ideia que o homem instintivamente tem que ter recursos para proteger, lutar.

Além disso, a ideia de um instinto fortalece a necessidade de possuir essa característica ideologicamente vinculada a todos aqueles que estão enquadrados no sexo masculino, como nessa fala:

eu sigo um pensamento de que se eu preciso ser agressivo é por causa da circunstância para proteger alguém. Na real, mas não é agressividade tipo de perder o controle, mas é aquela agressividade de intimidação, eu conseguir ter o meu espaço naquele local (Tony).

Isto posto, explicita a naturalização da violência masculina sustentada por um argumento de proteção, como se invalidasse a necessidade para os homens de controlar a agressividade, pois como eles estariam protegendo, gerando segurança a alguém seria permissível. Ademais, essa ideia de proteção foi apresentada por mais dois entrevistados: “Querer sempre proteger a mulher, a família... (Jason).” e “Agressão! (Pausa breve) Agressão. E... Pressão de tipo você tá com a pessoa, com a menina na rua e fica um cara enchendo o saco dela e você pede pra ele sair e ele não sai (Eddie).”

Na fala do Eddie pode-se destacar a palavra “pressão” e em sequência a descrição de uma situação em que se posiciona como um protetor. Com isso, torna-se possível perceber que a internalização da naturalização de um comportamento violento para homens pode gerar uma pressão para possuir “recursos” - palavra usada pelo Tony - para se enquadrar nesse perfil de homem que acredita ser uma determinação biológica.

Kimmel (2016) reforça a ideia de como é pensada a masculinidade:

Pensamos a masculinidade como sendo uma essência eterna e atemporal que reside profundamente nos corações de cada homem. Pensamos como algo, uma qualidade que alguém possui ou não. Pensamos a masculinidade como sendo inato, residindo na composição biológica particular do macho humano, o resultado de androgênios ou a posse de um pênis. Pensamos sobre a masculinidade como uma propriedade tangível e transcendente que cada homem deve manifestar no mundo, a recompensa apresentada com grande cerimônia a um noviço jovem pelos mais velhos por ter completado com sucesso um ritual de iniciação árdua. (p. 3)

É mais que notório que o pensamento ultrapassa tempo e gerações, entretanto, não se sustenta que tal questão esteja ligada biologicamente aos homens. Afinal, algo pré-determinado biologicamente, não se espera uma busca por recursos ou sentimentos de pressão, sendo assim o fator social sendo o grande ponto a ser na verdade considerado.

Welzer-lang (2001) já trazia a concepção de uma performance no processo de efetivar-se como “homem”, como se fosse uma casa onde cada cômodo alcançado aumentasse o grau de superioridade, casa esta que seria simbólica a qual ele nomeou “casa dos homens”. A passagem desses cômodos seria um desenvolvimento educativo com representações violentas, sendo em três dimensões: a violência contra si próprio - torna-se bruto fisicamente e emocionalmente-; a violência entre os homens - uma espécie de competição para elevar os níveis de “superioridade” - ; e contra as mulheres.

Dito isso, reforça-se então a existências de índices tão alarmantes, já mencionados nesta pesquisa, de violência contra a mulher, inclusive dentro de suas residências, e dos de vítimas do sexo masculino. Ademais, conseguimos também entender a “pressão” e os “recursos necessários” referidos por Eddie e Tony, respectivamente, devido ao fator homem está mais nos significados ao pensarmos na socialização. Remete-se, assim, o que Freud (2011) falou no que se refere às dores do sacrifício da própria essência estão no mundo externo, o medo do julgamento e mesmo que o indivíduo não se veja na prevalência do mundo, vai se sentir pressionado a ser de tal forma e a buscar recursos para se desenvolver.

Os entrevistados desta pesquisa trouxeram um discurso e o reforçaram em diversos momentos que não eram pessoas agressivas, que não possuem uma natureza violenta e até mesmo que são pacifistas. Tal necessidade em reafirmar isso, pode significar que já existe

uma certa consciência que o homem não precisa ter comportamentos agressivos/ violentos, entretanto, o relato de algumas situações mostram o quão enraizado, sobretudo inconscientemente, isso pode estar em uma pessoa subjetiva a partir de papéis de gênero masculinos, como na fala do Jimmy:

E aí tinha um certo sujeito que puxava minha camiseta e tal e aí durante uma jogada ele botou a mão assim entre o meu pescoço e meu ombro, cara! Me subiu uma ira tão grande (risada) e eu desci-lhe uma cotovelada, né! E aí ficou um clima meio tenso, e aí fica aquela parada: “ pô, fica ligado! Vou te pegar. Vou te pegar no soco, né” fica a trocação lá. E aí durante uma certa altura do jogo, ele tentou revidar. Só que eu já tava meio esperto, meio ligado, vi que ele ia revidar e aí eu meio que dei um contra golpe. E quando eu realmente dei um contra golpe, eu... acertei ele pra valer e aí foi uma briga generalizada, né. E ai nesse momento, assim, é uma das coisas que eu pensa nessa questão minha da masculinidade tipo porra: “eu desci porrada, ta ligada! aaaaa! Eu desci porrada. Bati lá, tá ligado! To ileso e tal”.

Destaca-se, então, que a raiva foi expressada pela violência, visto que é o comportamento permitido e incentivado aos homens a manifestarem. Tal questão não anula ele possuir uma subjetivação mais flexível, mas mostra a força da masculinidade padrão na sociedade. Além disso, cabe mencionar também que o ambiente é majoritariamente masculino, o que pode aumentar a necessidade de expressar-se por meio de violência. Inclusive, relata que depois desse episódio reduziu muito a prática de jogar futebol por não ter se identificado com a atitude tomada por ele.

Um outro contexto mencionado pelos entrevistados Jimmy e Jeremias foi o trânsito como um lugar que instiga a violência. Dito isso, analisa-se a quantidade de reportagens que apresentam situações de violência praticada e sofrida por homens, o que leva à reflexão da fragilidade de controle que os homens possuem e por uma cultura que afirma o homem como mais poderoso, mais forte, mais potente. Afinal, mesmo aqueles que afirmam ser mais flexíveis, são pacíficos cedem em algum momento e de alguma forma.

Ambra (2021) enfatiza que mesmo com grandes avanços sociais pelos movimentos feministas, existe uma contribuição muito grande para alcançar o ideal de homem que majoritariamente é o padrão hegemônico. Devido ao fato de em 2019 ter sido assinado um

decreto no que se refere a flexibilização na posse de armas de fogo que possui como público-alvo os homens: “homens violentos, homens amedrontados, homens frágeis, homens curiosos e homens que ostentam terão, agora, no fetiche da bala, uma ilusão de solução de seus problemas, reais e imaginados.” (p. 86)

Em outros termos, os estímulos e incentivos para os homens cederem a violência para expressar seus sentimentos, principalmente de raiva, não estão sendo reduzidos. Isso, segundo Ambra (2021), contribuirá com os índices de feminicídios, violência doméstica e um adicional aos casos de estupro, no que se refere a vítimas mulheres, mas não deixando de fora no que acontece entre os homens - baladas, trânsito, brigas entre vizinhos, entre outros. Ademais, e não menos importante, o destaque para a contribuição nos casos de suicídio que vem adquirindo um “caráter quase epidêmico”.

Evidentemente que a violência não é a saída encontrada por todos os homens diante de experiências de frustrações e angústias. Por isso, além do horizonte normativo atinente aos ideais de masculinidade perpetrados culturalmente, será necessário examinar os processos idiossincráticos que fazem da violência ao outro, sobretudo ao feminino, uma via escolhida por determinados homens. Como exemplo de controle do comportamento violento, mas a constatação da existência de vontade, há a fala do entrevistado Jason: “Ah! Vontade de saber a força que eu tinha (Risada), sempre tive vontade de dar um murro num ou alguma coisa pra saber quais seriam as consequências. Mas, é, era mais por curiosidade mesmo. Nunca aconteceu...”. Explicita-se nessa fala que pode ser uma escolha, além da clara exigência de uma masculinidade hegemônica de um homem potente.

Os participantes desta pesquisa, em uma forma geral, mostraram essa tendência e vontade por uma escolha de não serem violentos, de não escolher essa via. Todavia, também expuseram que não é fácil visto que culturalmente favorece-se o contexto para os homens de uma outra forma. A fim de exemplificar mais as demonstrações de raiva dos participantes além da anteriormente apresentada, tem-se: “Na infância e na adolescência, sempre, assim, várias e várias vezes. Principalmente, em vezes que eu não conseguia fazer algo, que eu não era bom em algo, o suficiente, assim. Aí você fica puto, joga pra cima e tals, sei lá (Jeremias).”; “Antigamente, no passado, eu tinha... o costume assim de quando eu ficava muito com raiva de tentar descontar na parede assim,né. Essas coisas na parede, na porta, mas só... (Tony).”; e “ jogou o copo d’água na minha cara, a água na minha cara, aí eu fiquei puto e joguei o pote de farinha no chão e quebrou, explodiu (Eddie).”

As demonstrações de raivas, portanto, ou nunca foram expostas ou foram direcionadas a objetos, com exceção do exemplo ocorrido no futebol. Consequentemente, reforça-se a ideia construída de que não é algo definido geneticamente no homem e que absolutamente possui uma influência do âmbito social. Além disso, destaca-se como os padrões sociais e hegemônicos da masculinidade estão enraizados a ponto de, pode-se dizer, estarem marcados no inconsciente dos sujeitos, de forma que eles reconheçam pequenos momentos apenas e afirmam a necessidade de recursos de proteção/luta, mas não classificam em momento algum como questões de violência. Assim como, quando um dos participantes diz sobre a vontade de descobrir sua potência desde sempre, mas sempre controlou.

Por fim, esclarece-se que no que diz respeito a violência contra mulher, seja em âmbito doméstico ou não, não foram relatadas pelos participantes. Os entrevistados Jeremias e Tony até tinham situações, porém, pontuaram que delimita-se ao relacionamento de irmãos e não pelas irmãs serem mulheres. Assim como, destacaram um respeito e controle em situação que envolvesse mulher, mesmo sentindo raiva, estando nervoso, como por exemplo: “Porque pra mim é até estranho pensar e falar assim: eu nunca xinguei minha namorada de... Aí eu fico pensando: pô! caralho! Eu não tenho nem coragem de falar os palavrões aqui, sacou? (Jimmy)”; e “Já gerou vontade, só que questão de respeito. Teria que ter por homem também, mas homem você olha de uma forma diferente, mulher você tenta respeitar, medir as palavras pra falar (Jason).” Logo, foram exemplos apenas que se aproximaram ou utilizados quando perguntado nas entrevistas, mas nada que fosse suficiente para uma análise e relação mais profunda com o fenômeno da violência.

#### **4.2 A AUSÊNCIA DE LUGAR DIANTE DAS CRISES CONTEMPORÂNEAS DAS MASCULINIDADES**

Os comportamentos agressivos dos homens são sintomas de um contexto maior, que se relaciona com a cultura e seus ideais de masculinidade, bem como com dinâmicas específicas de constituição subjetiva e de processos de sofrimento psíquico. Levando em conta a indistinção freudiana que afirma ser toda psicologia individual também uma psicologia social (Freud, 2020), partimos da premissa de que é preciso considerar a singularidade dos homens no interior de um contexto mais amplo relativo aos ideais socioculturais atribuídos ao masculino.



Em harmonia a isso, Ambra (2013) faz-se importante tomar a masculinidade como uma problemática capaz de desencadear discussões, de modo que o significante homem deixe de permanecer “submetido tão sisudamente ao seu suposto significado” (p. 29). Incorpora-se ainda, segundo De Paula e Da Rocha (2019), que o significado de homem predominante faz com que os homens vivenciem masculinidades que os colocam no papel de propagadores de violência, assim como alvo dela, ou seja, a exigências de uma sociedade patriarcal prejudica a relação dos homens com a sua subjetividade.

A fim de ilustrar tal relação, tem-se que os entrevistados ao serem questionados sobre o que é ser homem as respostas tiveram início da seguinte forma: “É uma pergunta, hoje, mais complexa (Jimmy).”; “As outras estavam mais fáceis (Jeremias).”; “Difícil essa pergunta (Tony).”; e “Pergunta interessante! (Jason)”. Isto posto, reforça-se a existência de uma crise no que diz respeito ao masculino, pois visto a grande influência do machismo e sua vigência e domínio, não deveria ser uma pergunta difícil, ressaltando uma não identificação com o que tem como predominância masculina.

Em concordância, Jimmy afirmou: “ser homem hoje é buscar se reinventar, compreendendo os novos espaços, é, as novas performances né e expressões de opção sexual (sic), escolha de gênero (sic) né, por assim dizer e é isso.”. Em outros termos, há, nos dias de hoje, também a ideia de que a masculinidade é algo a ser reinventado, a ponto do conceito abarcar outras formas de ser homem para além da heterossexualidade e da cisgeneridade. Afinal, como Zanello (2018) traz a relação de poder da masculinidade hegemônica não está relacionada apenas às mulheres, mas também entre os homens, de forma que outras virilidades são depreciadas. Portanto, os novos espaços seriam para englobar também aquelas que são depreciadas, vista como inferiores.

Outro ponto importante, que vale acentuar, foi que apareceram falas que mostram o reconhecimento do privilégio que é ser homem cisgênero e heterossexual, por exemplo na fala de Jeremias:

você ser homem, mulher, gay, lésbica e qualquer outra das classificação, acho que ser homem é o mais fácil deles, mas também tem um papel de..., tem um certo peso assim também, tipo, principalmente, quando você, quando você cresce próximo de um pai, sei lá, tem um certo nível de peso assim também.

Além disso, percebe-se a existência de uma pressão advinda da hereditariedade de seguir o que vai ser ensinado pela figura paterna, a qual, provavelmente, estará atrelada a cobranças de posturas de uma masculinidade padrão. O que remete a ideia da “Casa dos Homens” de Welzer-lang (2001), apresentada anteriormente.

Pressão essa que foi chamada pelo Eddie de “fardos sociais”, os quais ele exemplificou: “homem não chora, por exemplo. Ser bravo, sempre bancar o durão, ser emocionalmente forte, são cobranças assim, são relacionadas a esse ser “místico” homem. Acho que nós do sexo masculino, a gente já nasce com esse fardo sabe?”. Ou seja, como já constatou De Paula e Da Rocha (2019), a ausência de um espaço, no qual ocorra reconhecimento e elaboração de fragilidades e vulnerabilidades - fisicamente ou emocionalmente. A ponto de hoje com os novos espaços, novas perspectivas do que relacionar-se com o ser homem ser algo “místico” como disse o entrevistado, no sentido de inalcançável, afinal, um ser humano, independente de gênero, possui emoções e inseguranças frente a vida.

Pertinente a isso, tem-se, também, Da Silva (2021), que relata a resposta de um jovem que disse a ele o que é ser homem partindo do que ele pensava mais uma conversa que teve com o pai: “Ao final, disse que seu pai havia concluído a conversa sentenciando: “Você não nasceu para ser livre, nasceu para ser homem”(p. 94). Portanto, há um ser humano dotado de privilégios sociais e ao mesmo tempo preso em uma jaula.

Essa ideia de prisão por ser homem pode ser percebida quando os participantes definem ser homem baseado em um papel a ser exercido no que se refere a outro, por exemplo:

acho que seria a habilidade de dar suporte às mulheres naquilo que elas necessitam porque desde criança a gente é ensinado de que um homem é a força bruta e a mulher seria basicamente o emocional, a inteligência, né. É..., mas eu acredito que seja para dar suporte a sociedade em si, a uma família, é uma figura que deve ser admirada assim, né, em certo ponto, né. Não como alguém violento, mas como alguém que saiba conquistar seu espaço, ajudar o próximo e, principalmente, ajudar as mulheres. Acredito que seja isso, o papel de ser homem (Tony).

Percebe-se ainda uma definição de homem carregada de funções determinadas pelo patriarcado. Além de ocorrer uma ausência de um reconhecimento de um sujeito singular, ou seja, ser homem não é nada mais que um ser de habilidades físicas e que há um dever com o próximo, o que reforça a ideia de um ser impossibilitado de liberdade num âmbito subjetivo, sem espaço de fragilidades e emoções.

Outro entrevistado que trouxe uma fala nesse sentido foi o Jason: “Do homem que às vezes tá sempre tentando estar à frente, ser protetor, tomar decisões... Acho que basicamente isso. Querer sempre proteger a mulher, a família...”. Tais falas levam a reflexão, já apresentada, de uma dificuldade de vivenciar um déficits narcísicos relacionado a um ideal masculino, afinal, o narcisismo, segundo Freud (2010) faz parte da formação identitária do sujeito, além das diversas fontes de influência que possui. Dito isso, a constituição da auto-imagem dos homens está afastada de uma essência narcísica visto que apresentam-se por meio de uma função para o outro.

À vista disso, reforçando algo anteriormente pontuando nesta pesquisa, a dificuldade da vivência dos déficits narcísicos pode ter relação direta com essa ânsia pela violência a fim de uma tentativa de resgate de identidade frente uma ferida narcísica. Destaca-se, ainda, a violência direcionada ao feminino, pois para ser um “homem de verdade” o principal objetivo é negar o feminino.

Inclusive, como Zanello (2018) traz sobre como alcançar a tão vigente masculinidade hegemônica:

É necessário desqualificar as outras virilidades, dos outros homens. Portanto, o prestígio de uma se baseia na desvalorização das demais, ou seja, as masculinidades são construídas simultaneamente nas relações de poder de homens entre homens e dos homens em relação às mulheres. Ela não é fixa, mas histórica e, portanto, sempre fruto de tensões e conflitos (ou cumplicidade) com outras masculinidades. (p. 225)

Tal desvalorização de outras virilidades, ou seja, de virilidades que demonstram sentimentos, brincasse de algo que “fosse de menina”, apareceram na entrevista, como: “Ah! Você é, brinca de boneca (Jimmy).”; “como eu tenho muitas amigas assim, tipo a galera sempre achou, sempre ficava: “ Ah! Boiola”, ou não sei o que (Jeremias).”; e “na forma de expressar sentimentos com outros homens. Assim, às vezes um primo, algum amigo [...] se

eu quisesse abraçar, ou falar alguma coisa. Às vezes, deixei de falar, de demonstrar isso por questões de ser, medo de ser julgado (Jason).”.

À vista disso, percebe-se a prisão masculina existente, na qual não há espaço para demonstrar afeto a outros homens, ao mesmo tempo que as amizades só podem ser com outros homens, pois se tiver amizades com mulheres, logo tem sua orientação sexual determinada, como Jeremias trouxe em sua fala. Além disso, a orientação sexual será taxada, também, se as brincadeiras executadas forem consideradas de meninas, ou seja, não há liberdade se quer para brincar ou estabelecer relações com inúmeras regras estabelecidas. Entretanto, seres humanos em todo seu processo de desenvolvimento terão tendências emocionais, estabelecimento de relação e envolvimento com diversas brincadeiras que estimulam de diferentes formas. Logo, tanta repressão em algum momento irá querer “se libertar”, podendo ser em caráter de violência, por exemplo, o que nos retoma a toda a ideia que vem sendo reforçada e desenvolvida.

Outro tópico importante, é uma contradição que elucidou nas entrevistas foi um discurso de flexibilidade e desconstrução contra atitudes passivas no contato com outro ou de não vislumbrar a necessidade de mudar alguma atitude ou comportamento relacionada a vivência da própria masculinidade. Ilustra-se a partir dessa frase do Jimmy:

Então, às vezes, quando eu fico sem muito jeito ou sem saber como eu faço, eu de fato pergunto tipo: pô, desculpa perguntar, desculpa minha falta de jeito, mas eu queria entender como eu posso me colocar assim de tal forma sem ser, sei lá, preconceituoso, sem ser machista, sem ser homofóbico ou desse tipo.

Além disso, como dito anteriormente, há a ocorrência de falas que apresentam reconhecimento do privilégio de um ser do sexo masculino, heterossexual: “Real que é tipo muito fácil ser, é bem de boa ser homem (Jeremias).”.

Em contrapartida, percebe-se também a ausência desse reconhecimento em falas como: “A partir do momento que eu falo que tenho orgulho de ser hetero, eu posso ser criticado pela humanidade (Tony)”; “Da mesma forma que mulheres cobram que homens são, a gente também passa por essas situações, tanto com mulheres quanto com homossexuais (Jason).”. Isto posto, atenta-se para uma ausência de reconhecimento do privilégio masculino, visto que a questão não é ser heterossexual, mas o que o patriarcado

cultua como comportamento e imposição de que outras orientações seriam incorretas. Além de colocar homens e mulheres em um mesmo nível como vítima de assédio, e, assim, podendo deduzir que o mecanismo de afirmar e reafirmar ser desconstruído ou que entende todo o privilégio social do homem seja um discurso utilizado para se proteger do sentimento de portar um “mal” social.

Contudo, Gebrim (2021) sugere que diante as inculpações do movimento feminista, gera-se um sentimento de culpa pelas ações classificadas como masculinidade tóxica que a desconstrução do masculino torna-se impossível de atingir, pois acaba se apresentando como uma “antítese do machismo” (p. 119), como se fosse uma cura de um mal que os homens carregam, afinal, a neurose pessoal vai contribuir com esse sentimento de culpa - “no vídeo, vei, parecia que tava endeusando as mulheres e demonizando os homens (Eddie)”. Assim, como é apresentado nas falas de quem sente que perde o espaço de viver a própria orientação sexual ou passar até mesmo a se sentirem acuados por não saber se portar em situações que tinham o costume de estar no controle ou sentirem que são praticamente demônios pela grande generalização nas falas cotidianas.

Em coerência a isso, é necessário trazer um desconforto relatado por todos os entrevistados: o não saber como agir, falar ou pensar. Um exemplo, já apresentado, do Jimmy de se colocar em um papel de passividade e perguntar ao outro como se referir. Também, nesse sentido, a situação em não saber qual o limiar de elogio para a assédio foi apresentado por Jeremias, Tony e Jason, a fim de ilustrar:

As visões, essa concepção ampla, você não sabe a forma de abordar: se está sendo invasivo, se está sendo preconceituoso. Todo mundo te olha de uma forma ou julgando ou até com preconceito em si. Então, a gente não sabe o que fazer: como chegar, o que falar, como se portar. Se você é pra frente, você é tarado, é..., tá sendo outras coisas. Você é tranquilo na sua, você é frio, você não gosta de mulher ou não gosta de homem. É complicado! (Jason)

Logo, a identificação com a ideia de culpa pode ser tão grande a ponto de deixá-los sem um rumo e até mesmo questionar se está sendo tarado quando se olha uma mulher e sente atração.

Nesse sentido, Gebrim (2021) suscita que para além da identificação com essa culpa, ser na verdade um sentimento de um não lugar. Retirando-se, assim, um horizonte e deixando um não lugar de sofrimento, no qual o homem vai ficar acuado, vai ser autoritariamente calado e a questão para eles passe, talvez, a ser apenas mais uma gaiola, só que sem nada consolidado.

O último exemplo nessa perspectiva é o do Eddie: “nas eleições deste ano eu tinha que sair com ela na rua porque se ela arrumasse briga, eu tinha que proteger ela”. O entrevistado acrescentou depois ter refletido sobre isso e se sentiu confuso, pois ele como homem, se tivesse oferecido a mulher a proteção no lugar de ela ter pedido, ele provavelmente seria taxado de machista e ele se questionou o fato das acusações contra o machismo serem tão presentes, mas ao mesmo tempo exigir que ele exerça uma exigência de comportamento patriarcal.

Dessa forma, a ideia de um não lugar também irá afetar a subjetividade gerando sofrimento. Já é de conhecimento que os homens se sentem sem liberdade por terem exigências do machismo de ser forte, ser potente fisicamente e sexualmente, o que gera insegurança, baixa autoestima, entre outros quando não conseguem alcançar tais níveis. No entanto, a desconstrução ocorrendo de uma forma não dialógica, na qual os homens apenas vão se calar, não irá contribuir verdadeiramente nem ao movimento feminista. O parâmetro que eles possuem está sendo criticado, com certeza com razão visto os índices de violência já contemplados, juntamente com uma exigência de desconstrução que não tem suporte, tornando-se um limbo.

Por fim, tem-se, na contemporaneidade, uma busca, um resgate incessante de identidade masculina. Afinal, aquilo que era regra, mesmo que possuíssem diversos níveis hierárquicos, está sendo apontado e criticado como algo a ser repensado/reformulado, mas o movimento não inclui ou parte dos homens o que os deixa acuados, os reprime. Além de levarem a assumirem um papel, em alguns casos, de passivo frente às questões sociais e em algum momento as feridas narcísicas vão sobressair com uma tendência violenta, visto que o inconsciente está enraizado pela masculinidade sócio-histórico-cultural predominante que é ensinada e cultuada no cotidiano.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a pesquisa teve um projeto que a antecedeu, foi realizada uma busca teórica a fim de embasar tudo que seria obtido pelas entrevistas feitas, além de guiar e sustentar ou ampliar a visão no processo de análise das entrevistas utilizando o método da Análise do Discurso. Logo, baseado em tudo que foi apresentado, tem-se que o objetivo geral da pesquisa era investigar o lugar que a violência possui na constituição das masculinidades no contexto dos processos de subjetivação dos homens.

Dessa forma, pode-se vislumbrar que a violência possui um lugar de manifestação das relações de poder entre os homens e referente às mulheres, visto o pré-requisito de força e potência na constituição da masculinidade a partir de toda sua construção sócio-histórico-cultural sendo firmada por exigências que determinam o que é ser homem partindo da sociedade dominante patriarcal. Destaca-se, ainda, a pressão e permissibilidade do homem em utilizar da violência para expressar sua raiva em diversos contextos, mas principalmente naqueles majoritariamente masculinos.

Em termos mais específicos do objetivo, o impacto da construção e desconstrução dos ideais hegemônicos podem estar acarretando sofrimento resultante de uma identificação culpabilizada com o masculino. Partindo disso, realça-se que os entrevistados desta pesquisa já apresentaram uma não identificação com a masculinidade hegemônica por não conseguirem se portar da forma ideal, além dos relatos apontarem para eles como virilidades inferiores por mostrarem um discurso de masculinidade desconstruída. Em virtude disso e do machismo ainda ser prevacente, foram pontuados sentimentos de pressão para ter potência física, emocional e sexual.

Prosseguindo para o referente a desconstrução, foi percebida uma consciência desse processo social que vem ocorrendo, assim como, uma resistência. Entretanto, essa resistência baseada na amostra desta pesquisa, pode-se relacionar ao fato da identificação com a masculinidade está acarretada a uma culpa, gerando mais insegurança e sofrimento. Relacionado à ideia de que essa culpa, alimentada pelas próprias neuroses do indivíduo, o está conduzindo para um não lugar, no qual fica acuado, se cala e fica perdido sobre como agir, pensar e falar.

Sendo essa perda de espaço/domínio juntamente com o sofrimento estar impulsionando a um descontrole da agressividade. É importante destacar que pode ser

também vista como uma resistência, uma luta por um lugar, que mesmo que possua suas dificuldades, já é conhecido e confortável. Além disso, existe uma grande descarga da agressividade direcionada entre os homens, mas também direcionada ao feminino, porém, este foi um ponto com dados muito fracos, o que não possibilitou considerações concretas nesta pesquisa. Sugerindo, portanto, uma possibilidade de estudos mais aprofundados e específicos com homens que tenham praticado violência contra mulher a fim de conseguir dados concretos e consideráveis para conhecimento desta variável.

Ademais, considerou-se a necessidade de mais espaços dialógicos entre homens para que tivessem locais ou grupos que fossem acolhedor e não julgador para desenvolver melhor as questões específicas e atuais que tenham relação influente ao portar-se masculino. Podendo ser isto feito no processo de formação juntamente com o âmbito escolar, o que seria estimulado desde a infância, ou até mesmo criação de políticas públicas que auxiliassem na divulgação, criação e manutenção desses espaços para abarcar homens de idades variadas. Desenvolvendo, também, parcerias com áreas profissionais não apenas da psicologia, mas sociólogos, antropólogos que poderiam realizar estudos multidisciplinares para compreender todo o processo que a masculinidade vem sofrendo, pois ampliar o conhecimento direto sobre o assunto, pode gerar mais ações diretas e funcionais, além de ser uma forma de colocar os homens em um papel mais ativo nessa desconstrução da masculinidade hegemônica.

Afinal, estudos diretamente sobre a masculinidade ainda são escassos, geralmente são encontrados estudos do feminino e com amostra feminina e o masculino como uma relação a ser feita a partir de dados advindos de vivências da perspectiva da mulher. Assim, podendo ampliar o conhecimento do fenômeno, principalmente, da violência que tem seus índices cada vez mais elevados tanto entre os homens quanto contra as mulheres para conseguir ser mais eficaz na redução de tais índices e gerar mais prevenção do que posvenção.

Outro ponto, considerando que as premissas de uma masculinidade estejam enraizadas, ou seja, no inconsciente do sujeito, ressalta-se a importante contribuição da psicanálise para auxiliar no processo de tornar tais pensamentos e crenças mais conscientes a ponto de ficar mais visível ao indivíduo suas ações com seu discurso desconstruído e auxiliar também no processo de ressignificação identitária que os homens têm vivenciado na ânsia de curar suas feridas narcísicas. Assim como, pesquisas como esta e outras que ainda



podem e precisam ser realizadas podem agregar no processo terapêutico, visto que além das técnicas o conhecimento do âmbito social é muito importante, já que possuem grande influência na formação identitária.

É importante salientar que foram consideradas algumas limitações nesta pesquisa. A primeira, foi a dificuldade em conseguir a quantidade previamente estipulada de voluntários para a pesquisa, o que exigiu uma reformulação metodológica em relação ao número de participantes. O segundo, foi a impossibilidade em ter conhecimento se houve influência do gênero da pesquisadora, que é mulher cisgênera, no que se refere a inibir os participantes que eram homens cisgêneros ao darem suas respostas às perguntas, considerando que envolviam questionamentos sobre masculinidade, sofrimento e, inclusive, sobre violência contra homens e, também, contra mulheres. A terceira e última, encontra-se, além da amostra não ser de homens que tenham cometido violência contra mulher, a ausência de perguntas mais diretas e específicas para a coleta deste dado. Por fim, a pesquisa possibilitou o vislumbre de caminhos para mais estudos sobre masculinidade, assim como aprendizados no decorrer do processo de sua realização.

## REFERÊNCIAS

- Ambra, P. E. S. (2013). *A noção de homem em Lacan : uma leitura das fórmulas da sexuação a partir da história da masculinidade no Ocidente*. [Dissertação, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo]. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-28082013-112429/publico/FINAL.pdf>
- Ambra, P. (2021). Homens e Armas. In P. Ambra (Org.). *Cartografias da Masculinidade* (pp. 83-89). Cult Editora
- Ambra, P. (2021). *O que É um Homem? Psicanálise e História da masculinidade no Ocidente*. Zagodoni Editora.
- Bola, JJ (2020). A Masculinidade desmascarada. In R. Spuldar (Trad.). *Mask off: masculinity redefined*. Porto Alegre
- Busin, V. M. (2011). Religião, sexualidades e gênero. *Revista de Estudos Da Religião (REVER)*, 11(1), 105–124. <https://doi.org/10.21724/rever.v11i1.6032>
- Cerqueira, D. R. de C., Moura, R. L. de, & Pasinato, W. (2019). *Participação no mercado de trabalho e violência doméstica contra as mulheres no Brasil*. [Texto Para Discussão, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada] <https://www.econstor.eu/handle/10419/211452>
- Da Silva, S. G. (2006). A crise da Masculinidade: Uma Crítica à Identidade de Gênero e à Literatura Masculinista. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 26(1), 118–131.
- Da Silva, F. M. (2021). Sobre homens e centauros: notas sobre as masculinidades contemporâneas. In P. Ambra (Org.). *Cartografias da Masculinidade* (pp. 91-101). Cult Editora
- De Paula, R. C. M., & Da Rocha, F. N. (2019). Os impactos da masculinidade tóxica no bem-estar do homem contemporâneo. *Revista Mosaico*, 10(2 Sup), 82–88. <https://doi.org/10.21727/rm.v10i2sup.1835>
- Dos Santos, S. C. M. (2010). O modelo predominante de masculinidade em questão. *Revista de Políticas Públicas*, 14(1), 59-65.
- Ferreira, M. C. L. (2005). Linguagem , Ideologia e Psicanálise. *Estudos Da Lingua(gem)*, (1), 69–75.
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2021). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/10/anuario-15-completo-v7-251021.pdf>
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022). *Violência contra mulheres em 2021*. <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>
- Foucault, M. (2021). História da Sexualidade 1: A vontade de saber. In. M. T. C. Albuquerque & J. A. Guilhon Albuquerque (Trad.). *História da Sexualidade* (Vols. 1-4). Paz & Terra.
- Freud, S. (1920). Além do princípio do prazer. In P. C. L. De Souza (Trad.). *História de uma neurose infantil (“ o homem dos lobos”)*, além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). (p. 120-178). Companhia das Letras.
- Freud, S. (1915). Considerações atuais sobre a guerra e a morte. In P. C. L. De Souza (Trad.). *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916). (p. 156-184). Companhia das Letras.
- Freud, S. (2010). *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916). Companhia das Letras.
- Freud, S. (2011). *O Mal-estar na Civilização* (1930). Penguin & Companhia das Letras.

- Freud, S. (2020). Psicologia das massas e análise do Eu. In *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Autêntica.
- Gaskell, G. (2002). Entrevistas individuais e grupais. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Eds) e P. A. Guareschi (Trad). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (p. 64-89). Editora Vozes.
- Gastaldi, R. M. R., & Silva, R. B. (2018). De adão à eva: a construção da masculinidade a partir do discurso do cristianismo. *Revista Mundi Sociais e Humanidades*, 3(2), 37.
- Gebrim, A. (2021). Ser um homem desconstruído: um impasse. In P. Ambra (Org.). *Cartografias da Masculinidade* (pp. 113-121). Cult Editora
- Gil, A. C. (2017). *Como elaborar projetos de pesquisa*. Atlas.
- Gregolin, R. V. (1995). A análise do discurso: conceitos e aplicações. *Alfa: Revista de linguística*, 39, 13–21.
- Instituto Maria da Penha. (s.d.). *O que é violência doméstica?*. <https://www.institutomariadapenha.org.br/violencia-domestica/o-que-e-violencia-domestica.html>
- Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica?. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 6 (1), 115-138. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982003000100007>
- Kimmel, M. S. (2016). Masculinidade como homofobia: Medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero. In S. M. Takakura (Trad.). *Masculinity as Homophobia Fear, Shame and Silence in the Construction of Gender Identity. Equatorial - Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Antropologia Social*. 3(4), 97-124. Masculinidade como homofobia: Medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero | Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (ufrn.br)
- Lagoas, J. M. (2013). A ética dos prazeres em Aristóteles : uma análise a partir da História da sexualidade, de Michel Foucault. *Mal-Estar e Sociedade, Ano VI* (10), 125–147.
- Lamanno- Adamo, V. L. C. (1999). Violência doméstica: uma contribuição da psicanálise. *Ciência & Saúde Coletiva*, 4(1), 153–159. <https://doi.org/10.1590/s1413-81231999000100013>
- Minayo, M. C. S. (2013). Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In S. F. Deslandes, R. Gomes e M. C. S. Minayo (Organizadora). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (p. 53-67). Editora Vozes.
- Muszkat, S. (2006). *Violência e masculinidade : uma contribuição psicanalítica aos estudos das relações de gênero*. [Dissertação, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo]. <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-26092006-091251/pt-br.php>
- Orlandi, E. P. (2005). *Análise de Discurso*. Pontes.
- Rádio Globo, (2020, 30 de outubro). Os números do feminicídio do mundo: seis mulheres morrem a cada hora vítimas do crime cometido por conhecidos. *Globo*. <http://radioglobo.globo.com/media/audio/229601/os-numeros-do-femicidio-no-mundo-seis-mulheres-m.htm>.
- Waiselfisz, J. J. (2016). *Mapa da violência 2016: homicídios por armas de fogo*. FLACSO Brasil.
- Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*. 9(2). <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>
- Zanello, V. (2018). *Saúde Mental, Gênero e Dispositivos: Cultura e Processos de Subjetivação*. Appris.

## APÊNDICES

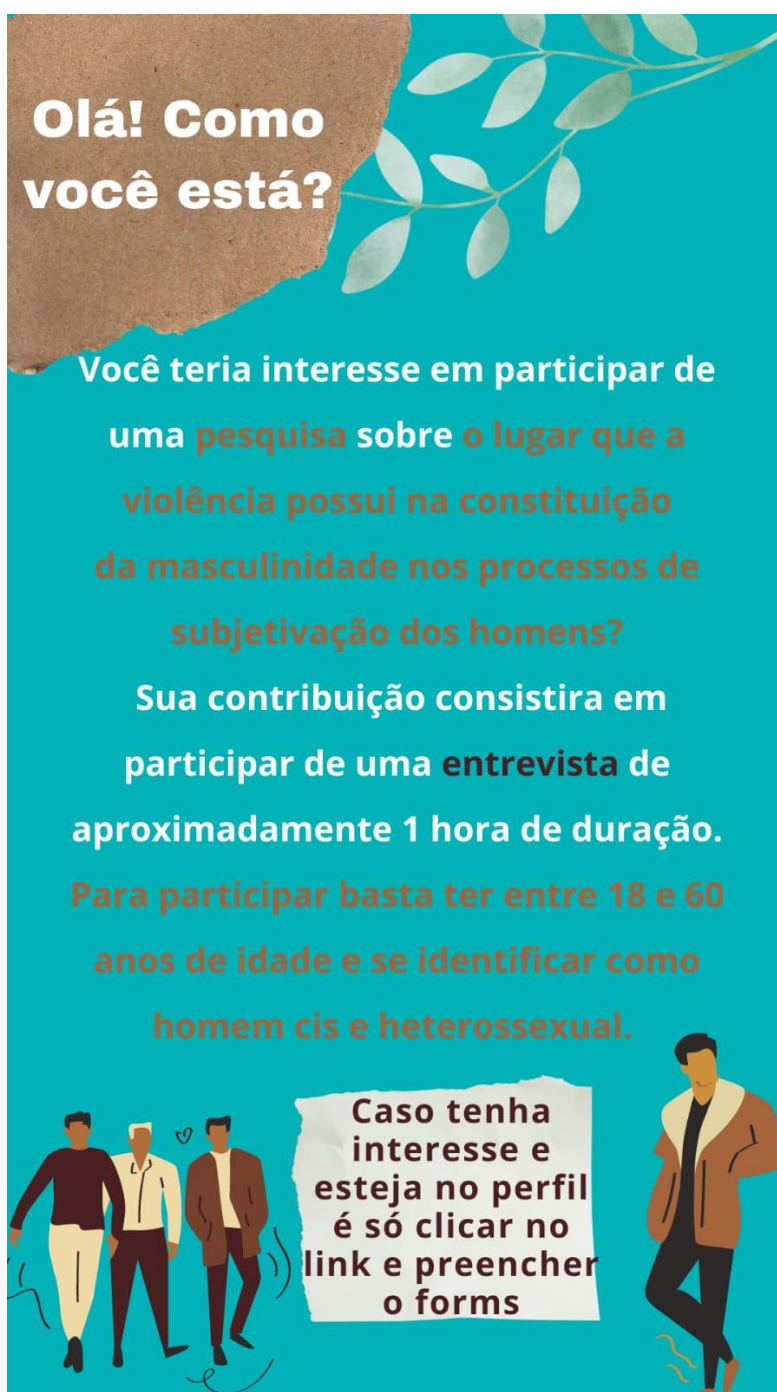
### APÊNDICE A - Entrevista semi-estruturada

#### ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Dados demográficos

(idade, nível de escolaridade, renda mensal, profissão e orientação sexual)

1. O que significa ser homem para você?
2. O que a palavra masculinidade traz à sua cabeça? Como você vivencia a sua masculinidade?
3. Você já viveu alguma situação que te levou a se sentir perdido ou desamparado por ter sua masculinidade afetada? Se sim, qual?
4. Você considera que a forma com que vive a sua masculinidade traz algum prejuízo ou sofrimento? (em termos sociais, emocionais..)
5. Você já demonstrou algum comportamento violento por se sentir pressionado por outras pessoas? Se sim, em qual situação?
6. Você já sentiu vontade de agredir verbalmente um homem? Consegue identificar o que (ação ou fala) gerou essa vontade?
7. Você já sentiu vontade de agredir verbalmente uma mulher? Consegue identificar o que (ação ou fala) gerou essa vontade?
8. Você já sentiu vontade de agredir fisicamente alguém, homem ou mulher? Consegue identificar o que (ação ou fala) gerou essa vontade?
9. Na sua opinião, quais os principais desafios vivenciados pelos homens atualmente? Como você acha que é possível superá-los?
10. Você gostaria de vivenciar a relação com sua masculinidade de uma outra forma? Se sim, o que mudaria?
11. Você gostaria de deixar alguma mensagem ou acrescentar algum comentário?

**APÊNDICE B - Arte usada na divulgação da pesquisa**

**Olá! Como  
você está?**

Você teria interesse em participar de  
uma **pesquisa sobre o lugar que a  
violência possui na constituição  
da masculinidade nos processos de  
subjetivação dos homens?**

Sua contribuição consistiria em  
participar de uma **entrevista de  
aproximadamente 1 hora de duração.**  
**Para participar basta ter entre 18 e 60  
anos de idade e se identificar como  
homem cis e heterossexual.**

**Caso tenha  
interesse e  
esteja no perfil  
é só clicar no  
link e preencher  
o forms**

## ANEXOS

### ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Interfaces entre gênero e psicanálise: masculinidades, sofrimento psíquico e violência

Instituição das pesquisadoras: Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Pesquisadora responsável: Lívia Campos e Silva

Pesquisadora assistente: Tamna do Nascimento Batista

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assinalar que concorda e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

#### Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo desta pesquisa é investigar o lugar que a violência possui na constituição da masculinidade nos processos de subjetivação dos homens.
- E, como objetivo mais específico, examinar os fatores que estão em jogo nos comportamentos e discursos agressivos que os homens direcionam às mulheres, e também a outros homens, a fim de compreender as possíveis relações do fenômeno da violência com os processos de transformação sócio-histórico-cultural das masculinidades, bem como com as dinâmicas subjetivas de internalização de ideais normativos relacionados ao masculino e com os modos de sofrimento psíquico que advém como efeito desse processo.
- Você está sendo convidado a participar exatamente por corresponder ao perfil delimitado para essa pesquisa.

#### Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em responder uma entrevista individual sobre o tema em destaque na pesquisa.
- O procedimento consiste na realização de uma entrevista individual semiestruturada.

- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A entrevista será gravada em áudio, com o consentimento do participante, para facilitar o posterior trabalho de análise.
- A pesquisa será realizada na própria residência ou ambiente de preferência do participante, pelo Google Meet, tendo em vista o contexto atual de pandemia.

#### Riscos e benefícios

- Este estudo possui baixos riscos, que são inerentes ao procedimento de entrevista. Medidas preventivas, durante a entrevista, serão tomadas para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, será esclarecido que não há respostas certas ou erradas em relação às perguntas que serão apresentadas e que é esperado que o(a) participante responda de acordo com as suas opiniões pessoais.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento você não precisa realizá-lo.
- Sua participação poderá ajudar na construção de uma compreensão mais aprofundada sobre o tema em questão.

#### Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar. Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando, para isso, entrar em contato com uma das pesquisadoras responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

#### Confidencialidade

Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.

- O material com as suas informações (gravação em áudio da entrevista) ficará guardado sob a responsabilidade da pesquisadora assistente, Tamna do Nascimento Batista, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade e será destruído após a pesquisa.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/Uniceub, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail [cep.uniceub@uniceub.br](mailto:cep.uniceub@uniceub.br). Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos, assinale abaixo para concordar voluntariamente em fazer parte deste estudo. Uma via deste Termo de Consentimento será encaminhada para o seu e-mail.